

A GINÁSTICA ARTÍSTICA COMO TEMA DAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA EXPERIÊNCIA EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE SÃO PAULO

Fernanda Jaqueline Ribeiro Neto

Professora da EMEF Jardim Fontalis - SME/SP

Luciano Nascimento Corsino

Mestre em Educação e Saúde na Infância e na Adolescência - UNIFESP

Professor da EMEF Jardim Fontalis - SME/SP

Nathália Chaves Gomes

Especialista em Educação Física: fundamentos teóricos e a prática profissional na escola -

UNICAMP

Professora da EMEF Jardim Fontalis - SME/SP

Resumo

O presente texto apresenta relato de experiência sobre o tratamento da Ginástica Artística como tema da Cultura Corpora na Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardim Fontalis, localizada na zona norte de São Paulo. Como metodologia foi considerada a pesquisa-ação, que é capaz de proporcionar ao professor um alto nível de reflexão sobre sua própria prática pedagógica. Concluímos que o tratamento da GA pode ser importante para a Educação Física escolar, tendo em vista a necessidade de diversificar os temas da Cultura Corporal.

Introdução

É sabido que assim como os esportes tradicionais, a ginástica ocupou grande parte das aulas de Educação Física durante um longo período de nossa história. A partir da primeira metade do século XIX, na Europa, a ginástica científica é tida como forte instrumento capaz de ensinar regras, fortalecer corpos e promover a saúde, assim como proporcionar uma maior disciplina, através de uma “educação da sociedade”.

Essa ginástica, conhecida como científica, negava os espetáculos de circos, porém, por outro lado, utilizava-se de grande parte daquilo que era observado nestes eventos para promover “espetáculos institucionalizados” (SOARES, 2005).

A ginástica europeia influenciou a ginástica no Brasil que, ao longo dos anos, acompanhou as transformações políticas, econômicas e sociais, engendrando-se diversos outros tipos de ginástica, com diferentes nomenclaturas e finalidades.

A ginástica, com suas diferentes características, está presente de múltiplas formas em nossa sociedade, nas mídias, nas práticas discursivas, nas academias, nos clubes, nos diferentes eventos esportivos e nas escolas. Partindo dessa premissa, entende-se como de fundamental importância que os/as alunos/as possam conhecer, vivenciar e ressignificar as diversas possibilidades de ginástica na escola.

Nesse sentido, o objetivo do presente relato é apresentar aos/às colegas o trabalho desenvolvido na Escola de Ensino Fundamental Jardim Fontális, localizada da zona norte de São Paulo, a partir do planejamento que foi desenvolvido pelos/as professores/as de Educação Física da referida escola, e que buscou desenvolver uma experiência com a Ginástica Artística (GA).

Metodologia

Como metodologia optou pela pesquisa-ação, pois entendemos a necessidade de que o/a professor/a esteja envolvido com sua prática pedagógica de modo a proporcionar uma reflexão aprofundada sobre o cotidiano das aulas de Educação Física. Nesse sentido, Thiollent (2007, p.43) define a pesquisa-ação:

Em geral, a idéia de pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas em que as pessoas tem algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa-ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados.

Ao considerar essa premissa, entendemos que há necessidade de que aquilo que é conhecido como prática esteja intrinsecamente relacionado à teoria, de modo que ambas se misturem a ponto de não serem percebidas separadamente.

Na Educação Física, a partir da pesquisa-ação, procuramos desenvolver um trabalho que considere os três aspectos apontados por Thiollent (1994), como

fundamentais para que seja caracterizada a pesquisa ação: resolução de problemas, tomada de consciência e produção de conhecimento.

A ginástica artística na Educação Física escolar

A partir planejamento desenvolvido pelos/as professores/as de Educação Física da Escola Municipal de Ensino Fundamental Jardim Fontális, localizada na zona norte de São Paulo, buscou-se desenvolver uma experiência com a Ginástica Artística (GA). Buscou-se partir de vivências motoras que já faziam parte do repertório trazido pelos/as alunos/as, estimulando novas possibilidades de movimento através de questionamentos e desafios propostos nas aulas. Uma vez que os/as alunos/as testaram várias possibilidades de rolamentos, saltos, equilíbrios e inversões no 1º ano do ensino fundamental I, continuamos com os trabalhos de GA no 2º ano, utilizando alguns exercícios específicos que utilizados para uma preparação, com o intuito de facilitar a realização dos movimentos básicos, desenvolvendo nos/as alunos/as a força e a flexibilidade, que são as principais capacidades físicas exigidas pela modalidade trabalhada.

Após termos desenvolvido essas capacidades e uma consciência corporal consequente do trabalho, iniciamos no 3º ano a aprendizagem dos movimentos mais simples (rolamentos e equilíbrios). Finalizamos esse processo de aprendizagem segmentado no 4º ano, com os movimentos mais complexos (de força, inversões e saltos). No 5º ano juntamos os movimentos aprendidos individualmente, numa única sequência de oito movimentos de solo, sendo que a ordem de execução poderia ser escolhida pelos/as alunos/as, com tanto que, cada movimento aparecesse nessa sequência e de forma contínua, ou seja, sem intervalos. Por isso foram sugeridas possibilidades de ligação entre um movimento e outro.

Simultâneo ao trabalho de composição da sequência, os alunos produziram um livro com a descrição detalhada e ilustração passo a passo de cada um dos movimentos aprendidos. É importante ressaltar que tais atividades tiveram em cada ano, a duração máxima de um bimestre e optou-se por vivenciar apenas as provas da GA que são comuns, no programa de competição masculino e feminino, o solo e o salto sobre a mesa, porém, foi necessária a adaptação dos materiais. Sendo assim, utilizamos dez colchões para os exercícios de solo, sendo um colchão para cada grupo, para os

exercícios de salto utilizamos as carteiras escolares, bancos do refeitório e os próprios alunos. A falta de materiais específicos não foi impedimento para a prática da GA na escola.

Considerando-se o referido planejamento anual realizado pelos/as professores/as de Educação Física da Escola, que possibilitou o desenvolvimento da ginástica desde o 1º ano do ensino fundamental I, utilizou-se como forma de avaliação final do processo de aprendizagem da modalidade e com intuito de estimular o interesse de participação dos/as alunos/as, oferecer a oportunidade de conhecer como são organizados os eventos esportivos externos à escola, promovidos por diversas instituições durante o ano e, ao mesmo tempo, aproveitar a experiência vivida, anteriormente, pelos/as alunos/as que atualmente estão no 6º ano do ensino fundamental II, e passaram por todo esse processo, foi proposta a organização e participação em um evento competitivo de GA.

O primeiro passo foi marcar uma reunião com os/as alunos do 6º ano que haviam participado de outra competição de GA após as aulas, para identificar qual seria o posicionamento deles/as em relação à organização de uma nova competição. Praticamente todos/as os/as alunos/as compareceram e assim pude compartilhar a proposta. Eles/as abraçaram a ideia e naquele momento nos comprometemos em nos reunirmos duas vezes por semana para organizar todos os detalhes do evento.

Na segunda reunião listamos todas as providências que deveriam ser tomadas (regulamento, cronograma, premiação, pontuação, etc.) e decidimos que além do papel de avaliadores no dia do evento, seria interessante realizar com esses/as alunos/as uma aula treino antes da avaliação propriamente dita, visando possibilitar um momento de sanar as dificuldades de forma mais individual, acompanhando e atuando como monitores. A cada encontro fomos definindo todos os itens. Após definirmos o regulamento, divulgamos em cada sala, através de cartazes confeccionados pelos/as alunos/as. Então fechamos o cronograma de “treino”, que foram realizados durante o horário das aulas.

Nos encontros que sucediam os treinos, conversamos sobre as falhas e as observações em relação às dificuldades, comportamento, interesse e talento dos/as alunos/as. Por conta da dificuldade de entender o espaço de competição, tivemos que montar um mapa de organização do espaço, prevendo a localização de cada equipamento e posicionamento dos/as avaliadores/as, para que os/as alunos/as se locomovessem de forma organizada, não prejudicando a apresentação de nenhum/a dos/as participantes.

Como decidimos que a cada erro previsto no regulamento seria diminuído 0,25 pontos da nota total (10,0), estipulamos um símbolo para representar esses pontos durante a avaliação e marcamos uma reunião para somarmos juntos os pontos totais. Divulgamos esses pontos por sala, através de cartazes anexados nas paredes, contendo as pontuações decrescentes, demonstrando a maior nota da categoria feminina e da masculina da sala, e no pátio divulgamos a maior nota das duas categorias do 5º ano.

Realizamos a entrega da premiação nas salas, que foram um pacote de doces para as melhores notas feminina e masculina da sala, e um troféu confeccionado por algumas das alunas para as melhores notas das duas categorias do 5º ano.

Sendo assim, entende-se que se trata de uma relevante experiência, que buscou proporcionar aos/às alunos/as uma vivência significativa acerca da Ginástica Artística, considerando-se a necessidade de uma Educação Física escolar que contemple as várias possibilidades oferecidas pelo universo da Cultura Corporal.

Referências bibliográficas

SOARES, Carmem Lucia. et al. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 15.ed. São Paulo: Cortez, 2007.